

## OS EFEITOS DE UM DISPOSITIVO DE REGULAÇÃO CURRICULAR NO TRABALHO DE DOCENTES INICIANTES

Franciele Roos da Silva Ilha  
UFPEL  
francieleilha@gmail.com  
Álvaro Moreira Hypolito  
UFPEL  
alvaro.hypolito@gmail.com

1

### RESUMO

Este trabalho trata da discussão de um dispositivo que emergiu da investigação da regulação curricular da Educação Física e seus efeitos no trabalho de docentes iniciantes. Para analisar esta regulação utilizou-se o conceito foucaultiano de dispositivo, tendo como fundamentação teórico-metodológica os estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Nos limites deste artigo, o objetivo foi analisar os efeitos da regulação curricular da Educação Física no trabalho de docentes iniciantes, por meio da discussão das linhas de subjetivação do dispositivo da esportivização. As linhas de subjetivação traçam aos modos pelos quais os docentes iniciantes atuam sobre si mesmos para produzir suas subjetividades a partir dos saberes-poderes do dispositivo da esportivização. Os modos de subjetivação produzidos por este dispositivo não equivalem à produção do professor-treinador, pois a esportivização não se limita a regras e padrões do esporte de rendimento. Este conjunto de práticas de constituição dos professores iniciantes, neste caso em foco, se localizam mais próximos da produção de professor de esportes.

**Palavras-chave:** dispositivo; regulação curricular; trabalho docente.

### Considerações iniciais

Esta pesquisa emergiu da investigação da regulação curricular da Educação Física e seus efeitos no trabalho de docentes iniciantes<sup>1</sup>. Para analisar esta regulação utilizou-se o conceito foucaultiano de dispositivo<sup>2</sup>, tendo como fundamentação teórico-metodológica os estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze.

---

<sup>1</sup> Objetivo geral da Tese de Doutorado defendida recentemente.

Foucault (1992, p.138) explica que dispositivo se refere a “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...]”.

Deleuze (1990), com a preocupação de explicitar o complexo conceito de dispositivo, aclara que Foucault inicialmente identifica as curvas de visibilidade e as curvas de enunciação do mesmo. As primeiras são compostas por linhas de luz que constituem figuras variáveis (as práticas) e as segundas por enunciações (os discursos) que distribuem posições diferenciais dos seus elementos.

Ainda assim, o dispositivo possui outras linhas, como as de força, que se referem à dimensão do poder e atravessam todo o dispositivo, em todos os pontos possíveis. Além dessas, existem ainda as linhas de objetivação, que propiciam o processo de subjetivação, a produção do si por si mesmo. As linhas de objetivação ou subjetivação predispoem as linhas de fuga, que escapam às forças e aos saberes de um dispositivo, movendo-se para outro dispositivo e inserindo no regime de seus poderes e saberes. Ao possibilitarem a passagem de um dispositivo a outro, permitem a emergência das linhas de ruptura, pois estão no limite do dispositivo.

Tendo em vista que as linhas de subjetivação indicam a relação consigo mesmo, as mesmas propiciaram discutir os efeitos da regulação curricular da Educação Física no trabalho de professores em início de carreira, subsidiada pelo *corpus* da pesquisa.

Deste modo, partiu-se do pressuposto de que esta regulação se estabelece por meio de um processo negociado, resultado de um jogo de forças, nunca finalizado, sempre em processo, entre discursos e/ou dispositivos que disputam a hegemonia curricular do componente. E, com a identificação de um conjunto de discursividades e visibilidades recorrentes no corpus de pesquisa em relação a tal processo regulativo, constatou-se que certas práticas e discursos se articulavam e formavam uma rede, traduzida pelo conceito foucaultiano de dispositivo.

Assim, na medida em que estas recorrências se relacionavam, em sua maioria, com o esporte, elegeu-se este como o eixo analítico central para a construção de um dispositivo chamado de dispositivo da esportivização da Educação Física, pela emersão do esporte como um modo de regulação curricular deste componente na escola. Nos

limites deste artigo, o foco recai apenas nas linhas de subjetivação do dispositivo da esportivização.

Com base em tais pressupostos, interroga-se: Como o dispositivo da esportivização da Educação Física interpela os docentes iniciantes? Quais as ações e reações que este processo regulativo gera no trabalho de docentes iniciantes? Qual a repercussão deste dispositivo em seu trabalho e nele mesmos?

Tais questões delineiam o objetivo do estudo como sendo: analisar os efeitos da regulação curricular da Educação Física no trabalho de docentes iniciantes, por meio da discussão das linhas de subjetivação do dispositivo da esportivização.

A relevância do estudo é apontada pela escassa produção no campo temático que trata do trabalho de docentes iniciantes na Educação Física escolar, tema ainda tímido no meio acadêmico e científico. Além disso, considera-se importante investigar como um modo de regulação das práticas curriculares da Educação Física na escola (neste caso, o dispositivo da esportivização), promovem efeitos na construção curricular da disciplina e sobre o trabalho dos docentes iniciantes e não iniciantes.

### **Aspectos metodológicos**

Esta investigação tem seus pressupostos metodológicos alicerçados na abordagem qualitativa. Realizou-se uma pesquisa de campo na rede municipal de ensino de Pelotas (RS), com dois momentos distintos. O interesse pela ida a campo está na especificidade do trabalho de professores em início de carreira. Além de a investigação dedicar-se à problematização das relações de poder-saber em um contexto micro, de modo que os docentes investigados estejam inseridos em um mesmo sistema de ensino.

No primeiro momento foram feitas entrevistas com seis professores de Educação Física iniciantes na carreira docente na escola e, depois, o estudo de caso em uma escola da rede.

Na segunda etapa realizaram-se observações de aulas de Educação Física de um dos professores iniciantes entrevistados em uma escola selecionada para a realização do estudo de caso; conversas informais com este professor e seus alunos, com anotações

feitas em um diário de campo. Além disso, fez-se uma entrevista com a coordenadora das áreas da escola.

Os encontros para a realização das entrevistas foram agendados de acordo com a disponibilidade de horários dos professores e com o local de sua preferência. Com a autorização de cada professor, as entrevistas foram gravadas em áudio para que não se perca detalhes do discurso, tendo sido necessária a sua aceitação para a efetivação da entrevista junto à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os nomes dos professores utilizados na análise são fictícios, preservando suas identidades. Os procedimentos utilizados respeitam as normas internacionais de experimentação com humanos.

Acerca da coleta de informações feita por meio de observações, Lüdke e André (1986) traçam sugestões para o seu desenvolvimento, tais como: a preparação rigorosa por parte do pesquisador/observador para que enfoque o que realmente está em questão no estudo, e que este tenha um planejamento cuidadoso.

Em relação ao período de realização das observações, a intenção foi realizá-las durante dois meses, o que ocorreu no início em outubro de 2013, prolongando-se até o final do ano letivo das escolas municipais de Pelotas – RS (dezembro de 2013). As observações ocorreram de duas a três vezes por semana e o tempo de cada aula era de 40 minutos.

No que tange à organização das anotações, iniciou-se cada observação com dia, hora, local, com horário de início e, ao final, com preenchimento do horário de término de cada observação. Os pontos pré-estabelecidos estavam imbricados com os objetivos da pesquisa, com práticas discursivas e não discursivas que pudessem estar envoltas em dispositivos de poder na regulação curricular da Educação Física, assim como os efeitos disso no trabalho dos docentes iniciantes.

As entrevistas e o diário de campo foram analisados na sua discursividade: Silveira (2007), ao fazer menção à análise discursiva de entrevistas, contribui para a analítica do *corpus* da pesquisa. Ela sugere olhar as mesmas como eventos discursivos complexos, considerando os jogos de linguagem, a reciprocidade, a intimidade, o poder e as redes de representação.

### **Os efeitos da regulação curricular ou as linhas...**

---

Os modos e as intensidades nas quais o dispositivo da esportivização captura os sujeitos, suas subjetividades, bem como os efeitos que produz no trabalho dos professores iniciantes estão relacionados com as linhas de subjetivação deste dispositivo. Destaca-se que outros sujeitos pedagógicos (alunos, diretores, outros professores) também são capturados por este dispositivo, o dispositivo da esportivização também produz efeitos nesses sujeitos. Porém, o foco desta tese recai nos efeitos de poder gerados nos docentes iniciantes, em seu trabalho especialmente.

Deleuze (2005) reflete acerca do eixo subjetividade nos escritos de Foucault, indicando que talvez esse estivesse presente desde suas problematizações iniciais, assim como o poder estava desde o início no saber. Faz perguntas e se posiciona em relação ao tema:

Eixo no qual se conquista uma serenidade? Uma verdadeira afirmação da vida? Em todo o caso, não é um eixo que anula os outros, mas um eixo que já atuava ao mesmo tempo que os outros e os impedia de ficarem presos num impasse (DELEUZE, 2005, p.103).

Em todo caso, é um eixo que Foucault não tinha se debruçado até meados da década de 1970. Foucault (2014) explica que foi necessário realizar um deslocamento teórico para analisar o que se designa como “o sujeito”. Deleuze (2005, p.101-102) ainda questiona: “Se o poder é constitutivo de verdade, como conceber um “poder da verdade” que não seja mais verdade de poder, uma verdade decorrente das linhas transversais de resistência e não mais das linhas integrais de poder? “Como ultrapassar essa linha?”.

A ultrapassagem das linhas de poder remete para as linhas de subjetivação, desencadeada por focos de resistência. As discursividades e as evidências do dispositivo da esportivização, aqui apresentados como reguladores das práticas curriculares da Educação Física escolar, são saberes que produzem subjetividades esportivas, por meio das relações de poder, e tentam posicionar esses docentes para que sejam sujeitos de um certo tipo e que conduzam a aula de Educação Física de uma certa maneira.

São as **linhas de subjetivação do dispositivo** em ação, no que se refere ao modo de objetivação dos seres humanos em sujeitos esportivos, o que Hacking (2006) chamaria de um processo de fabricação de pessoas, fabricação de tipos humanos que pensam e agem de uma determinada maneira, de acordo com o padrão de conduta estabelecido para

um certo grupo social. Essas linhas são “responsáveis pela produção pedagógica do sujeito por si mesmo” (MARCELLO, 2009, p.234), pois o dispositivo da esportivização medeia e produz relações do sujeito consigo mesmo, de modo que o sujeito esportivo possa se reconhecer como sujeito de visibilidade e enunciação. Deleuze (2005) vai chamar a subjetividade, esse processo de sua constituição do sujeito, de relação com o lado de fora. Este lado não se traduz por um limite fixo, mas por uma matéria móvel “animada por movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem o lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora” (IBID., 2005, p.104).

Os sujeitos pedagógicos envolvidos nesta pesquisa têm sido capturados, com maior ou menor intensidade, pelo dispositivo da esportivização. Professores de Educação Física, coordenadores de área e principalmente os alunos têm sido subjetivados pelo jogo discursivo do esporte como regulador das práticas curriculares da Educação Física na escola. As implicações do dispositivo na subjetividade são comentadas por Fischer (2011, p.240), ao dizer que:

A tendência da sociedade atual, como ele descobre (Foucault), especialmente a partir de *Vigiar e Punir* – tem sido aperfeiçoar, burilar, sofisticar as estratégias de poder, criando-se *dispositivos* cada vez mais complexos, nos quais os indivíduos terminam por enredar-se, tomando para si as próprias ações que lhe cingem a subjetividade.

Indaga-se, que modos de ser e agir são acionados pelo dispositivo da esportivização? Que tipo de experiência de si e modo de subjetivação ele pressupõe? Antes de adentrar nestas questões, Castro (2004), Larrosa (1994) e Revel (2011) ajudam a delimitar como a discussão da subjetivação, experiência de si é aqui delineada.

Os autores pontuam que há dois sentidos, deslocamentos, tipos de análise que podem se encontrados para o termo na obra foucaultiana. O primeiro seria “um deslocamento pragmático, que poderíamos definir como uma atenção privilegiada às práticas que a produzem e a medeiam” (LARROSA, 1994, p.54). Revel (2011) e Castro (2004) ainda explicam que esse tipo de análise da subjetivação, se caracteriza por um processo de objetivação, na medida em que os seres humanos são transformados em sujeitos.

No outro sentido, estaria “a maneira pela qual a relação com o si, por meio de uma série de técnicas de si, permite ao ser humano se constituir como sujeito de sua própria existência” (REVEL, 2011, p.144). É o deslocamento, em seus últimos trabalhos, para a interioridade do sujeito (CASTRO, 2004).

Assim, os processos de subjetivação podem ser de objetivação e subjetivação, propriamente dita. Ainda que eles não sejam independentes, desenvolvem-se mutuamente (CASTRO, 2004). Feito tal distinção, informa-se que a ênfase da tese recai no primeiro sentido atribuído à subjetivação.

A discussão envolve o dispositivo que regula, neste caso, o currículo da Educação Física e se institui sobre os professores iniciantes e seu trabalho. Esse, e outros dispositivos (como a tradição pedagógica, a cultura docente e escolar em ação, os ordenamentos curriculares) levam os docentes a terem de si próprios determinadas formas de experiências de si como docentes (de como devem agir, pensar, relacionar-se como professores, etc). Em outros termos, a preocupação distancia-se da análise das práticas de si ou das técnicas de si que os discursos e práticas imbricados a um ou mais dispositivos possibilitam aos professores no interior dos quais eles produzem a experiência que têm de si próprios.

O dispositivo da esportivização produz efeitos nas subjetividades dos docentes iniciantes, no seu trabalho, por promover o silenciamento de outras práticas corporais e de modos diversificados do trato de conteúdos da Educação Física. O dispositivo em questão procura limitar as possibilidades de conteúdo e os modos de tratá-los na disciplina, diante da diversidade existente, repercutindo nas formas pelas quais se diz e se vê o componente curricular.

Uma disciplina escolar que trabalha com poucos conteúdos, de modo que estes não sejam organizados sistematicamente não é valorizada na hierarquia dos saberes escolares. Até porque, nessa hierarquia, quanto mais formalizado e sistematizado, mais ligado aos saberes cognitivos e passível de avaliação forem estes saberes, mais valor lhes é atribuído. Nessa direção, Silva (2011, p.15) alerta que “[...] o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade”.

A seguir, conectam-se enunciações que priorizam os sentimentos dos professores iniciantes em relação à sua profissão, como se sentem no seu trabalho e, principalmente, como se evidenciam os efeitos do dispositivo da esportivização em suas práticas:

*“Sinceramente é bem diferente do que eu imaginei, assim, por horas assim... da vontade de desistir. É bem complicado, e assim o quê que eu sinto, que é aqui na escola, e claro eu sei que hoje em dia é difícil trabalhar com criança em qualquer escola, mas aqui é bem. [...] aí assim, eu tô bem decepcionada com a minha profissão, não é nada daquilo que eu imaginava que era. [...] eu sempre pensei em tentar ensinar mesmo, então eu sou bem esforçada em tentar colocar o conteúdo para eles, e isso é que eu, é um ponto importante em mim, que eu me esforço em tentar passar para eles o melhor. [...] eles resistem bastante, senão é o futebol é na briga. [...] Eu entro na sala de aula em qualquer turma, ‘vamos jogar futebol’, eu já tô virando inimiga da bola de futebol” (Professora Fabiana).*

*“Olha, eu não me vejo trabalhando daqui a alguns anos não. Claro, é um trabalho que dá para fazer, tem como realizar sabe, tô pagando minhas contas e tudo, tem momentos bons, mas o stress é grande assim e olha que é a EF, que teoricamente é uma coisa mais tranquila, fica na rua, aquela coisa toda, ainda assim é complicado. tem menos teoria para passar digamos assim, claro que se o professor quiser pode passar só dando aula de regras, mas em geral se tem predominância de prática, mas como eu disse antes isso é em teoria. [...] Tem certos momentos que eu fico um pouco frustrado. Como eu disse, tipo às vezes a pessoa tenta organizar uma aula direitinho e os alunos não querem mesmo, eles querem, ou futebol, ou vôlei ou alguma coisa e isso é uma coisa muito séria, porque cada grupo quer uma coisa, quer obrigar os outros a fazer o que eles querem, muitas vezes eles querem se recusar a fazer a atividade que o professor determina [...] Eu trabalho mais com os esportes é mais com as sétimas, e é o vôlei, aí depois basquete e handebol. E futebol vem de extra, de vez em quando eu faço uma aula individual” (Professor Fabrício).*

*“A gente tá sempre em crise, mas eu gosto. A gente sempre acha que pode melhorar a nossa prática, mas eu acho que eu faço um bom trabalho. Eu procuro pensar no que pode melhorar. [...] Tem turma que aceita determinada coisas, tem turma que não aceita, tem turma que não dá para trabalhar. A gente pega uma turma como eles que tem cinco, tu vai trabalhar como com cinco? Ainda mais que são três meninas com dois meninos e às vezes são três*



*meninos e duas meninas sabe, é completamente inconstante assim” (Professor Armando).*

*“Eu sei que eu tenho capacidade de fazer um trabalho melhor do que eu faço, acontece que o meio me proporciona é fazer isso só. Eu gostaria de fazer muito mais, mas a estrutura da escola não me comporta, às vezes falta material e assim vai [...] Eu gostaria de trabalhar de uma forma diferente, mas as crianças aqui me obrigam a trabalhar de uma outra forma. Eu não consigo trabalhar, como é que eu vou te dizer, uma tática desportiva, eu passo assim aquelas regras básicas assim, mínimas né para eles terem ideia de que um jogador saca, no voleibol, três jogadores ficam no ataque, três jogadores ficam na defesa, são coisas bem simples assim, porque eles não tem uma vivencia desportiva grande, a vivencia que eles tem corporal é na rua correndo, pulando valeta e jogando futebol no campinho, [...] daí chega na quinta-série sem ter jogado um voleibol, na vida, coisa diferente da minha época, [...] eu nunca vou conseguir exigir até porque nunca foi meu objetivo exigir deles que eles tenham uma prática perfeita, não vou exigir esse tipo de coisa deles, mas eu boto eles a jogar voleibol, eu dou aquela parte conversada na sala de aula, tanto hoje quando tu chegou eu tava falando sobre voleibol para eles, lendo o livrinho [...] é esse tipo de coisa, muito superficial” (Professora Graziela).*

*“Eu me sinto bem, eu gosto do que eu faço, eu gosto de tá trabalhando com eles, é bem tranquilo sabe, eu gosto de interagir com eles. [...] se fosse só dar aula eu ficaria anos e anos, mas tem outras coisas, o salário não é nenhum pouco atrativo, se tivesse uma recompensa maior sabe, não é só o prazer de dar aula, porque só de amor a gente não vive. Então, se fosse melhor recompensado, se tivesse, se fosse melhor aproveitado, se fosse, a gente estaria bem mais feliz. [...] A Educação Física, muitos alunos não gostam de participar, parece que não roda, então eles não participam, então eu busco sempre fazer conteúdos que atraiam mais eles. [...] Os jogos escolares aproximam bastante assim, principalmente se eles pegam uma modalidade assim que eles gostam, tipo futsal. Então se a gente consegue trabalhar na aula e consegue trabalhar nos jogos, encaixa muito bem. E também atrai eles para as outras modalidades, como vôlei, basquete, que eles geralmente não gostam, mas quando tem competição se empolgam mais para fazer” (Professora Patrícia).*

*“Às vezes eu sinto que para a direção eu sou uma professora que fica para ocupar os alunos com alguma coisa e que eu não tenho um conteúdo a desenvolver com eles e isso é o que me frustra em relação ao meu trabalho. [...] No início, nos primeiros meses de trabalho, a negociação era a única estratégia que eu percebi ser eficiente para conseguir dar o meu conteúdo e também me aproximar dos alunos. [...] Depois os alunos se acostumaram com a minha metodologia, ou seja, não dar o futebol quando o conteúdo era outro. [...] A gente (a professora iniciante e outra professora de Educação Física) organizou um campeonato no final do ano, [...], e nós conseguimos integrar todas as equipes da escola, todas as turmas da escola e fazer um campeonato de integração, a gente não olhou pontuação dos alunos, a gente só fez jogos chaves de turmas contra turmas, sem ficar preocupado com o resultado, a gente nem anotou o resultado, a gente não queria vencedor, ou quem tivesse perdido, mas sim que eles se integrassem, proporcionar esse momento para eles no final do ano. [...] modalidades: futebol e vôlei” (Professora Lucíola).*

10

O impacto do dispositivo da esportivização é evidenciado nos movimentos discursivos expressos pelos professores iniciantes. As práticas deste dispositivo, em que os professores são chamados a se transformarem e a se reconhecerem como sujeitos de uma esportivização remetem para os processos de subjetivação.

Pode-se dizer que, para os dois primeiros docentes, o discurso da esportivização, disperso pela insistência dos alunos em querer apenas jogos de futebol nas aulas, afeta intensamente a subjetividade destes docentes. Repercute na medida em que os docentes aceitam algumas de suas regras, para conseguirem realizar o seu trabalho. Por meio de negociações, tentam trabalhar com outros conteúdos e com atividades diferentes de jogos esportivos.

No caso do professor Armando e das professoras Graziela e Patrícia, o dispositivo da esportivização mostra-se mais potente, pois se percebem nesses fragmentos de falas antes destacadas, a incorporação dos saberes do mesmo pelos docentes, a ponto do primeiro não saber como fazer uma aula de Educação Física com cinco alunos. Será que para ter uma aula de Educação Física é necessário um número certo de alunos, como em um jogo esportivo profissional?

De modo semelhante, a professora Graziela lamenta por não conseguir trabalhar com o aperfeiçoamento esportivo, técnicas e táticas esportivas, aspectos fundamentais no contexto de uma esportivização.

Em relação a esse sentimento da professora, em não poder aprofundar o trabalho com os esportes, cabe uma ressalva, que também se aplica à análise do dispositivo. Bracht (2000) subsidia a argumentação, ao pontuar alguns mal-entendidos em relação ao esporte de alto nível e à Educação Física. Um deles se refere ao fato de que o trabalho com técnicas e táticas esportivas nas aulas de Educação Física não está ligada, necessariamente, a uma perspectiva tecnicista de ensino. Abordar estas questões no ensino da Educação Física não significa que outros aspectos e outros conteúdos não sejam trabalhados.

Em outros termos, a constatação de que o dispositivo da esportivização é potente na regulação curricular da Educação Física, produzindo efeitos nas subjetividades dos docentes iniciantes, não se está eliminado o fato de que outros dispositivos, discursos também atuem na regulação do currículo da Educação Física no contexto investigado, e possam se bem mais potentes que o dispositivo da esportivização em outros contextos. Sabe-se que esta rede entrelaçada de discursos e práticas (dispositivo da esportivização) divide espaço com outras redes. Redes que não são incluídas em profundidade no espaço desta discussão, o que não quer dizer que delas não existirem e também não produzirem efeitos.

Quanto à professora Patrícia, o dispositivo da esportivização a capturou de tal modo que as práticas não discursivas do discurso da esportivização se confundem com a aula de Educação Física. As práticas de um, auxiliam, contribuem, se mesclam e promovem melhorias nas práticas do outro. Estabelece-se um processo colaborativo entre determinadas práticas esportivas e alguns princípios da esportivização e as práticas curriculares da Educação Física escolar.

Por último, a professora Lucíola aciona discursos acerca do *status* do professor de Educação Física na escola, do dispositivo da esportivização e sua cooptação para a realização das aulas no primeiro ano de docência e de como realizou uma prática própria da esportivização (jogos escolares em forma de competição), mesmo tendo a intenção de escapar das lógicas que focam nos resultados.

Diante das enunciações dos professores, nota-se também a produção deles mesmos por meio das condições de trabalho, como possibilidade de dizer certas coisas e não outras. Não se pode desconsiderar o contexto educacional gerencialista, com políticas regulatórias, as quais interferem nas práticas dos docentes iniciantes de modo mais ou

menos intenso, de acordo com vários aspectos, como a disciplina que ministram. A tecnologia da reforma educacional denominada por Ball (2005) de performatividade, sustentada por discursos como o da necessidade do professor estar sempre atualizando os seus conhecimentos também conduz à conduta dos docentes iniciantes entrevistados. A sensação de estar em crise, a impressão de pensar que sempre é possível fazer melhor o seu trabalho, são efeitos produzidos pelo discurso performático, no momento em que os docentes se veem responsáveis por melhorias no processo educativo.

Discursividades que enunciam a importância do professor ter o domínio da turma se chocam com as práticas de alguns professores iniciantes, como de Fabricio e Fabiana, ainda que não conseguir manter a ordem em aula esteja no centro do discurso que caracteriza o trabalho do professor no início da carreira.

Deste modo, os professores iniciantes ao serem subjetivados pelos discursos aqui apresentados, têm seu trabalho regulado pelo dispositivo da esportivização, dentre outros, no desenvolvimento das práticas curriculares da Educação Física, mesmo que a maioria tenha indicado que possuem liberdade na condução das suas aulas.

*“É, tem algumas limitações assim, tipo: não pode sair e deixar os alunos para traz, quando o tempo tá meio ruim não pode deixar os alunos irem para o pátio, por que... tanto pela saúde do aluno como pelo barro, coisa assim, mas fora essas limitações assim não tem muita” (Professor Fabricio).*

*“Sim, de fazer e de não fazer” (Professor Armando).*

*“Tenho, tenho total liberdade para fazer assim. Dentro (...) do espaço da escola eu faço tranquilo” (Professora Graziela).*

*“Eu tenho liberdade para fazer aqueles conteúdos que eu acho mais apropriado, não tem nenhuma...” (Professora Patrícia).*

*“Tenho, até tenho, mas assim se eu vou fazer alguma coisa assim, será que eu faço, eu pergunto, [...]” (Professora Fabiana).*

*“Só que desde o ano passado, ele (diretor da escola) proibiu os professores de Educação Física de utilizar este ginásio. [...] Eu faço o planejamento por mim” (Professora Luciola).*

Com o poder de sedução dos discursos que formam o dispositivo, os professores são constantemente tentados a ocupar a posição de sujeito destes discursos, os quais tentam conduzir as suas condutas, suas ações, seus modos de pensar e conceber as práticas curriculares da Educação Física.

No entanto, na perspectiva aqui adotada, não se pode desconsiderar que este poder que regula é relacional e há um processo negociado, mesmo regulado e envolto por relações de poder. É um processo de regulação em que há espaços de liberdade e de resistência. A resistência existe porque a ordem do discurso é da ordem da guerra, há uma luta constante por hegemonizar significados, verdades, discursos, enunciados, e a resistência é necessária para compor essa dinâmica.

Os espaços de liberdade no jogo de forças da condução das práticas curriculares da Educação Física, no que tange aos efeitos de poder no trabalho dos docentes iniciantes, são aqui visibilizados por práticas que o professor põe em funcionamento para escapar, resistir dos constrangimentos que os discursos exercem sobre a sua subjetividade docente. Encontrar as válvulas de escape pode ser uma forma de produzir novas experiências docentes no campo da Educação Física.

### **Considerações finais**

Este trabalho abordou os efeitos da regulação curricular no trabalho de professores iniciantes pela via da discussão das linhas de subjetivação do dispositivo da esportivização. Estas linhas remetem aos modos pelos quais os docentes iniciantes atuam sobre si mesmos para produzir suas subjetividades a partir dos saberes-poderes do dispositivo da esportivização. Os modos de subjetivação produzidos por este dispositivo não equivalem à produção do professor-treinador, pois a esportivização não se limita a regras e padrões do esporte de rendimento. Este conjunto de práticas de constituição dos professores iniciantes, neste caso em foco, se localizam mais próximos da produção de professor de esportes.

Os discursos e práticas do dispositivo da esportivização capturam os professores iniciantes, aqui estudados, de diferentes modos e com intensidades variadas. Ao serem interpelados pelos mesmos, dois professores iniciantes se frustram com a força com que os discursos agem sobre suas condutas e afetam as suas subjetividades, mas permanecem

em luta por outros caminhos, por meio de processos de negociação. Outros três professores demonstraram terem incorporado alguns saberes da esportivização, pois apresentam práticas que convergem com a ação do dispositivo da esportivização. Por fim, evidenciou-se como uma professora iniciante acolhe práticas do dispositivo da esportivização, pelo acolhimento dos sujeitos pedagógicos pelo mesmo e pela potencialidade dessas práticas serem modificadas e propiciarem novas significações.

Portanto, as subjetividades promovidas pelo dispositivo da esportivização almejam a fabricação de sujeitos esportivos, no entanto, os modos de subjetivação dão espaço a produção de si, por si mesmo, e os conflitos desencadeados por processos de resistência possibilitam outros modos de ser, mesmo que articulados a outros dispositivos ou a outras formações discursivas. Em outras palavras, os processos de subjetivação derivam do poder e do saber, mas sem constituir em uma relação de dependência (DELEUZE, 2005).

14

## Referências

- BALL, S. J. Profissionalismo, Gerencialismo e Performatividade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, set./dez. 2005.
- BRACHT, V. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.22, n.1, p.53-63, 2000.
- CASTRO, E. **El vocabulário de Michel Foucault**. Buenos Aires: Prometeo, 2004.
- DELEUZE, G. **Foucault**. 5. ed. Tradução de Cláudia Sant`Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.
- FISCHER, R.M.B. Desafios de Foucault à teoria crítica em Educação. In: APPLE, M.; WAYNE, A.; GANDIN, L.A. **Educação Crítica: análise internacional**. Tradução: Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2011. p.233-247.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HACKING, I. Kinds of People: Moving Targets. **British Academy Lecture**, p.01-18, 2006.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, T. T (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELLO, F.A. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.2, p.226-241, 2009.

REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Tradução de Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVEIRA, R.M.H. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA M.V. (Org). 2. ed. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p.117-138.